

## **Ver-se nos olhos do outro Gênero, raça e identidade brasileira no estrangeiro**

*Claudia Barcellos Rezende\**

A condição de estrangeiro realça alguns aspectos da vivência subjetiva da identidade nacional.<sup>1</sup> Em seus ensaios clássicos, Simmel (1971) e Schutz (1971) destacam a ambiguidade da posição social do estranho – ao mesmo tempo fora e dentro do novo grupo social. Como resultado disto, a relação dele com as pessoas deste novo meio é marcada pelo recurso a padrões de avaliação e de conhecimento distintos dos locais, conferindo ao estranho certa qualidade de liberdade de questioná-los. Assim, tanto o estranho quanto as pessoas locais tendem a ser vistas, inicialmente, de forma tipificada, sem consideração de suas individualidades. Neste sentido, a experiência de ser um estrangeiro em outro país põe em relevo a dimensão contrastiva da identidade nacional.

Enquanto elaboração de uma autoimagem coletiva, a identidade nacional com frequência está articulada a elementos de gênero e raça. Uma vez que, embora coletiva, a identidade recaia sobre e é vivida por cada pessoa, a figura do sujeito nacional ganha características físicas particulares que o distinguem de pessoas de outros países. Cada sociedade, como já afirmou Mauss (1974), possui seu conjunto de técnicas corporais que moldam o corpo nas suas várias idades e no desempenho de atividades cotidianas. Além disso, a construção da identidade nacional envolve uma apropriação simbólica do corpo através da eleição de marcos como o “pertencimento” a uma mesma raça (ou então à mistura racial, como quer a narrativa nacional brasileira) ou a escolha de um determinado gênero como representativo do sujeito nacional. É deste modo que

---

\* Professora adjunta do Depto. de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

afirmamos que uma identidade nacional é atravessada ao mesmo tempo pelo gênero e pela raça.

Na América Latina, os movimentos eugênicos de inspiração europeia demonstraram a importância do gênero e da raça na construção de várias nações. Em seu estudo, Stepan (1991) examina o papel da eugenia na constituição de alguns Estados-Nações latino-americanos como Brasil, Argentina e México na virada do século XX, ao selecionar e “melhorar” a constituição genética de seus povos. Neste caso, o privilégio de certos tipos raciais e o foco na saúde reprodutiva das mulheres eram fatores fundamentais para a busca da “homogeneidade” que seria necessária a uma nação moderna.

Além da seleção e definição de quem constitui um sujeito nacional, as dimensões de gênero e raça tornam-se também elementos simbólicos da elaboração da identidade nacional. Hall (1998) menciona, por exemplo, como os significados da “inglêsidade” estão associados à masculinidade. Por sua vez, Kondo (1997) argumenta que a noção de Ásia aos olhos do Ocidente contém mais do que seus contornos geográficos, apresentando as características de racialização e feminização comum em relações de submissão.

No Brasil, existiu durante o império a representação do país como índio – figura étnica masculina (CARVALHO, 1999). Mais recentemente, a identidade nacional vem sendo frequentemente simbolizada pela figura da mulata – novamente combinando gênero e raça, porém de uma maneira distinta do período anterior. Neste caso a posição da mulata desafia as relações de poder tradicionais – inferior por sua origem social, mas poderosa por sua sexualidade (CORRÊA, 1996). Seria justamente esta representação enquanto sedutora, porém submissa, que tornaria a mulher “de cor” eleita aos olhos dos estrangeiros brancos que visitam o país interessados no turismo sexual (PISCITELLI, 1996).

Com estes exemplos, ilustro não apenas a articulação estreita entre identidade nacional, gênero e raça, mas também como esta elaboração se dá sempre em diálogo com vozes e olhares externos. Se as autoimagens se definem por contraste aos outros, é parte significativa deste processo a negociação com as imagens construídas por estes outros, principalmente em contextos pós-coloniais (ver BHABHA, 1990; CHATTERJEE, 1993; GANDHI, 1998). Isto é, as ex-colônias trazem em suas identidades nacionais a marca da ambivalência, ao desejarem um reconhecimento como igual – o que lhes é negado via de regra – e ao mesmo tempo uma afirmação de sua singularidade.

Neste artigo, examino como a articulação entre identidade nacional, gênero e raça aparece no discurso de um grupo de brasileiros que fez seu doutorado no exterior. A partir da condição de ser estrangeiro em outro país, analiso como a identidade brasileira foi percebida por estas pessoas através das marcas do gênero e da raça, o que era vivenciado de modo ambíguo e conflituoso. Em particular, discuto os sentidos da ideia de ter ou não uma “aparência brasileira” para entender porque a maioria dos entrevistados afirmou não ter “aparência” ou “cara” de brasileiro, explicação dada para que não tenham sentido um tratamento

discriminatório. Qual a implicação desta negativa para uma construção subjetiva de identidade brasileira?

Parto da preocupação de Verdery sobre como se desenvolve “o sentimento do ‘eu’ como nacional” (2000, p. 242). Tomando como pressuposto que subjetividades são culturalmente construídas, Verdery argumenta que tão importante quanto o processo de elaboração de imagens sobre a nação é o modo como os indivíduos criam sentimentos de pertencimento e identificação com a nação. Portanto, analiso a percepção que as pessoas estudadas têm da identidade brasileira – o que significa ser brasileiro para eles e que sentimentos esta identidade gera para eles.

Os dados apresentados têm como base entrevistas com pessoas que fizeram seu doutorado (integralmente ou em parte, com bolsas sanduíches) na área das humanidades no exterior. Estas pessoas – seis homens e seis mulheres – com idades entre 40 e 50 anos realizaram seus estudos com financiamento do governo brasileiro através de bolsas do CNPq ou da Capes. Estudaram em instituições nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Bélgica entre os anos de 1985 e 1995.

As entrevistas são, então, relatos retrospectivos, baseados, portanto, na memória. É importante ressaltar a ação seletiva da memória que reelabora o passado com termos que são significativos para o presente (HALBWACHS, 1990). Neste sentido, as experiências de estudar fora foram repensadas no contexto de uma entrevista para uma colega acadêmica que também fez seu doutorado no exterior. Assim, não apenas eu era questionada sobre a minha experiência de viver e estudar na Inglaterra, como também surgiam suposições de que eu teria experimentado sensações semelhantes às deles. Além disso, como conhecia bem alguns dos entrevistados, o relato das dificuldades vividas variava de acordo com minha relação com estas pessoas: os mais próximos elaboraram bastante os sentimentos de sofrimento enquanto que os outros falavam pouco das experiências difíceis.

## **A experiência de ser brasileiro no exterior**

A elaboração de uma identidade brasileira em contexto estrangeiro já vem sendo analisada por vários autores como Margolis (1998), Sales (1999), Ribeiro (1999), preocupados com o recente fenômeno da imigração brasileira nas últimas décadas. Todos apontam para a dimensão contrastiva deste processo, para o diálogo com imagens presentes na sociedade local. Por exemplo, Margolis (1998) mostra a recusa dos brasileiros em Nova Iorque de se enquadrarem no rótulo “hispanico”, que em muitos contextos americanos é utilizada como sinônimo de “latino”, categoria esta também desconfortável para o grupo estudado. Sales (1999) fala da construção por brasileiros em Boston da imagem de povo trabalhador, como forma de se contrapor a visões locais dos brasileiros como preguiçosos. Nestes casos, a construção de uma identidade brasileira era constantemente reafirmada por meio de laços comunitários e

diversas celebrações. Distingue-se, por sua vez, da ambiguidade em torno desta identidade demonstrada pelos brasileiros que estudei.

Para muitos entrevistados, a estadia no exterior para realizar o doutorado foi a primeira experiência de ser estrangeiro. A escolha pelo estudo no exterior não foi motivada apenas por razões profissionais, mas também pelo desejo de viver em outra sociedade, nas europeias principalmente. Alguns países, como a França, exerciam um fascínio especial para algumas pessoas, muito antes delas pensarem em fazer seus doutorados. A valorização de outras culturas e do conhecimento do outro, em particular dos países do “Primeiro Mundo”, era assim um traço desse grupo, espelhado também na própria escolha do campo profissional e compartilhado com outras pessoas das camadas médias (REZENDE, 2006).

Se a condição de estrangeiro permitia um olhar crítico e comparativo em relação tanto à sociedade local quanto à brasileira, era também explicação para dificuldades de comunicação mais amplas, em função de uma falta de domínio não apenas da língua nativa quanto de códigos de comportamento mais gerais. Em alguns casos, inclusive, como para os que estudaram na França, ser estrangeiro dificultava desde o processo de alugar um apartamento quanto a relação com os vizinhos, que revelavam atitudes consideradas xenófobas. Para a maioria, estes problemas de adaptação e/ou relacionamento com as pessoas locais deviam-se ao fato mais geral de serem estrangeiros, e não de serem brasileiros especificamente.

No entanto, todos os entrevistados achavam que sua identidade brasileira havia sido realçada para eles durante suas estadias fora do país. Reconhecer-se brasileiro implicava na valorização de alguns símbolos nacionais como o café, o futebol e o carnaval ou então de uma “afetividade” particular. Esta (re)construção da identidade brasileira trazia um forte caráter contrastivo. Por exemplo, a experiência de ser estudante em uma universidade estrangeira foi discutida por todos do mesmo modo: comparando-a com suas referências no Brasil. A relação entre aluno e professor e entre colegas, a estrutura e organização do curso e da própria instituição eram analisadas contrastivamente, ora destacando-se qualidades locais, ora seus problemas.

A identidade brasileira foi também reelaborada em função do contraste entre as autoimagens que estas pessoas tinham e as visões locais sobre os brasileiros em geral. Nas palavras de Marcos, que estudou em Londres, os brasileiros eram vistos como “nem civilizado, nem barbárie”, sendo assim “neutro” para os europeus. Existia “preconceito”, mas também “simpatia” no caso dos brasileiros brancos, ressaltou Marcos. As ideias ambivalentes sobre os brasileiros que Marcos relatou foram apontadas, de formas variadas, por todos os entrevistados e causavam, em geral, incômodo e irritação.

Enquanto estudantes de doutorado, todos tiveram que lidar com imagens negativas sobre os brasileiros, que não condiziam com suas características pessoais. Por exemplo, entre os que estudaram na Europa, muitos falaram da visão de professores e funcionários de suas universidades sobre a falta de

pontualidade e de disciplina com prazos que os brasileiros teriam e a surpresa que causavam ao se portarem de maneira inversa. Alguns daqueles que foram para os Estados Unidos e para a Inglaterra encontraram professores que esperavam uma formação teórica fraca dos estudantes brasileiros. Como a maioria dos entrevistados já era pesquisador ou professor no Brasil antes do doutorado, estas imagens locais tendiam a rebaixá-los a meros estudantes sem experiência profissional, motivo de fortes queixas.

Além disso, em termos mais amplos, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, muitos se depararam com críticas duras ao desmatamento da floresta Amazônica e à relação dos brasileiros com a pobreza e o “atraso”, responsabilizando-os em muito pela situação do país. Nestas situações, incomodava a eles uma visão “unilateral” dos problemas brasileiros, que não levava em conta a participação dos interesses internacionais – imperialistas, para alguns – no jogo de forças políticas e econômicas que afetam o Brasil.

Por outro lado, havia também imagens positivas dos brasileiros, principalmente entre os europeus. Assim, segundo aqueles que estudaram na Inglaterra, os acadêmicos ingleses tendiam a ver nos estudantes brasileiros uma orientação política de esquerda, o que seria valorizado por eles. Entre os franceses, por sua vez, existiria uma visão do Brasil como país do sonho – das praias, da música, das mulheres, da simpatia – que provocaria neles um desejo de conhecer o país.

Muitas vezes estas ideias locais sobre os brasileiros colocavam problemas práticos para os entrevistados. A expectativa de que estudantes brasileiros teriam deficiências na formação teórica foi usada como restrição para que Renato não pudesse se matricular em uma disciplina de seu doutorado nos EUA. Foi preciso explicar ao professor que seu mestrado havia sido na área temática da disciplina para que ele pudesse cursá-la. Dora, por sua vez, deixou de dividir seu apartamento com uma colega tunisiana, pois esta achava que o caráter “festivo” dos brasileiros se chocava com sua religião muçulmana. Para Dora, que sempre se viu como tímida e só descobriu que podia sambar quando estava fora, a recusa de sua colega era engraçada e ao mesmo tempo surpreendente.

De toda maneira, frente a estas imagens ficava nítido o fato de serem diferentes. Neste confronto, as pessoas problematizavam sua percepção anterior ao doutorado de que eram cosmopolitas, partilhando uma série de comportamentos, ideias e valores vistos amplamente como ocidentais, e não específicos de uma ou outra cultura. Em suas estadias fora, colocava-se para eles uma série de visões do Brasil como país que não seria ocidental propriamente dito, “nem civilizado, nem barbárie”. Se antes de viajarem eles se sentiam mais semelhantes aos europeus e americanos, no exterior a diferença era recolocada por ambas as partes. Não era à toa que muitos disseram ter “virado” brasileiro quando estavam fora, condição também reiterada pela sociedade local. No caso das imagens de gênero e raça, este descompasso entre imagem local e autoimagem ficava ainda mais agudo.

## Corpo e aparência de brasileiro

**Silvia** - Me aconteceu no início de ir a algumas festas e as pessoas diziam: “Vamos dançar a lambadá” e aí eu já dizia que não sabia dançar “lambadá”, porque eu sabia que neguinho queria te arrochar, te apertar... Chegou um momento que... as pessoas perguntavam de onde eu era. Aí eu começava a dizer que eu era paraguaia, uruguaia.

**Marcelo** - nem isso eu tive problema, porque eu tenho um tipo físico que eu passo por espanhol ou português em qualquer lugar. Minha família é toda lusitana, então eu não tive esse tipo de dificuldade (ser perseguido por pertencer a uma determinada etnia ou raça). A minha mulher sempre sentiu assim... ela é uma morena bonita... ela sim era vista como alguém que não era europeu, porque ela tem um tipo físico para índio.... Minha mulher é uma típica latino-americana no geral. E ela comentava comigo que a abordagem masculina em relação a ela era marcada por um a priori em relação à mulher brasileira, assim como se tivesse um furor (risos).

Nas entrevistas, quando eu perguntava se alguma vez eles haviam sido tratados de forma distinta por serem brasileiros, a maioria entendia que eu indagava se teriam tido problemas ou mesmo sofrido discriminação das pessoas locais. Suas respostas geralmente faziam referência ao gênero e/ou à raça. Com isto, ficava claro que não se era brasileiro genericamente, mas sim com um corpo particular – um gênero e uma raça específicos.

Para as mulheres, esta era uma marca especialmente forte. As imagens encontradas nos Estados Unidos e na Europa eram semelhantes – a sensualidade acentuada era o traço forte dessa representação do gênero feminino. Mas foram as entrevistadas que estudaram na Inglaterra e na França que mais a discutiram pelo modo estereotipado com o qual era construída. Seja na ideia de que toda brasileira dança lambada ou dança em qualquer situação, na visão de que ela dá liberdade para ser “arrochada” ou ainda de que tem um “furor”, as imagens incomodavam, ainda que nem todas fizessem como Silvia ao fingir não ser brasileira. Nas palavras de Andréa, que estudou em Londres, era como se esperassem que as brasileiras fossem “sair dançando lambada de uma hora para outra” bem como dançar em qualquer situação, como nos contextos formais de uma festa na universidade.

Entre os homens, a dimensão de gênero da identidade nacional parecia ser menos pronunciada, como no exemplo de Marcelo que fala de sua esposa, mas não de si próprio. De forma semelhante às mulheres, os homens brasileiros seriam mais “quentes”, traço fundamental do tipo “latin lover”. O outro lado da moeda desta imagem era a noção de que os homens brasileiros seriam machistas, este sim um aspecto rechaçado pelos entrevistados. Apenas dois entrevistados

– um que estudou nos Estados Unidos e outro na Inglaterra, lugares em que as ideias feministas eram muito difundidas no meio universitário – discutiram suas reações diante das imagens encontradas.

De um modo geral, a reação às imagens de gênero encontradas no exterior oscilava entre a irritação e o riso. A irritação vinha do fato de que estas mulheres e homens não se identificavam com estes estereótipos, pelo menos não completamente. O riso colocava uma distância entre o contato com estas representações e seus efeitos subjetivos: ao ser relatado como algo engraçado com o qual tiveram que lidar, estas pessoas pareciam dizer que não lhes tocava seriamente. Embora tenha prevalecido uma atitude de diminuir a importância destas imagens, a maioria ajustou, ainda assim, seu comportamento para evitar ser associado a uma visão tida como estereotipada e ambígua sobre os brasileiros. Se as marcas do gênero apareciam no tratamento que recebiam como brasileiros, eles não se percebiam como tendo uma cor ou “aparência” brasileira. A maioria apontou, em algum momento da entrevista, que, por não ter “aparência” de brasileiro, não foram tratados de forma “diferente”, isto é, não foram discriminados a partir dos traços físicos. Marcelo, por exemplo, afirmou que tinha “aparência” de lusitano e, portanto, europeu, cabendo a sua mulher o tipo “latino” – pele morena, traços indígenas. Como ele, a maioria presumia que tinha “aparência” de outros estrangeiros de “tipo europeu”, mas não de brasileiro. Aliás, em duas vezes nas quais se reconheceu ter um aspecto fisionômico não explicitamente europeu, falava-se em um “tipo latino” – expressão vaga que podia tanto referir-se ao “latino-americano” quanto ao “europeu latino” – mas nunca brasileiro. A exceção foi Andréa, que não achava que passasse por europeia, mas não era tão diferente como os asiáticos, em suma, não achava que fosse vista como “não ocidental”.

A “aparência brasileira” era vista, por excelência, como mestiça de negro e branco – imagem emblemática de identidade brasileira calcada na miscigenação racial, encontrada nos países em questão e sustentada pelas pessoas entrevistadas. Por outro lado, aqueles que não se viam como tendo um “tipo brasileiro” explicavam sua aparência recorrendo a traços como cor “branca” da pele, dos olhos claros, cabelos lisos, como distintivos, reforçando por contraste a imagem típica do brasileiro como mestiço. De um modo ou de outro, como na questão do gênero, todos se distanciavam desta figura tipificada.

É importante destacar que a categoria “aparência” aqui indica basicamente aspectos fenotípicos associados à noção de raça, e que o reconhecimento destes traços bem como sua associação a uma ou outra raça varia culturalmente, como já mostrou Oracy Nogueira (1985) em seu clássico estudo comparativo entre Brasil e Estados Unidos.<sup>2</sup> Assim, é interessante notar que em nenhum momento nas entrevistas, discutiu-se a probabilidade de ser visto racialmente distinto de sua autoimagem, colocando em foco as diferentes percepções do que seja uma pessoa “branca” ou mesmo a ideia de que existem várias brancuras, valorizadas desigualmente. Isto é, ninguém falou na possibilidade de ser visto com um branco

diferente dos brancos locais. Se em relação ao gênero os entrevistados discutiram as visões com as quais se depararam, em termos das imagens raciais, não se comentou ter havido situações de confronto de autoimagem. Na maioria dos relatos, eles simplesmente assumiam que não tinham “aparência” de brasileiro e que não eram identificados assim na sociedade local.

É significativo apontar também que as referências à categoria “aparência” de fato se restringiam a características raciais, deixando de lado outros aspectos corporais. Ninguém falou da possibilidade de ter sido identificado como brasileiro por formas de andar, falar e gesticular particulares ou mesmo pelas maneiras de se vestir. Embora Silvia tentasse negar ser brasileira, dizendo ser uruguaia, em outro momento do seu relato, contou que sua maneira expansiva de ser, tocando as pessoas no braço quando falava, assustava os franceses e foi alvo de contenção sua. Marcos comentou que aprendeu a reconhecer outros brasileiros pelo modo de andar, “meio largado”, e pela postura corporal, mas não disse se ele também era reconhecido assim.

Portanto, se os entrevistados falavam, muitas vezes de forma espontânea, de como no exterior as imagens de gênero associadas aos brasileiros os afetava, a maioria declinava ter marcas físicas que os colocariam inescapavelmente na condição de estrangeiros de terceiro mundo. Se por códigos brasileiros estas pessoas faziam parte das camadas médias *brancas*, isto não era dado aos olhos europeus ou americanos, que apresentam percepções variadas de branco (DOMINGUEZ, 1986). Mas negar tal imagem significava negar a possibilidade de ser reconhecido prontamente como brasileiro – por características físicas visíveis, sem precisar falar ou identificar-se como tal. Ou seja, para eles, se a condição estrangeira era inescapável, seria possível ao menos tentar aparentar ser um estrangeiro de tipo europeu, menos marcado por sua origem de terceiro mundo, e assim, menos diferente do que se pensa.

## **A diferença incômoda**

Como mostrei no início, todos os entrevistados afirmaram ter se sentido mais brasileiros durante e a partir de sua estadia fora, tendo na maioria das vezes demonstrado satisfação e valorização desta identidade. Por outro lado, apresentei como o tratamento dado ao estrangeiro e ao brasileiro em particular, principalmente diante das imagens de gênero e raça, produzia, nas pessoas entrevistadas, uma situação constante de discrepância de status – entre as qualidades que se atribui a si próprio e as que são atribuídas pelos outros. Nas palavras de Marcos, “você é muito diferente a princípio. E eles te veem como sendo mais diferente do que você é”. A situação de contraste – fundamental para a afirmação de qualquer identidade – realçava a diferença, que, entretanto, parecia ser vista pelo outro como sendo maior do que se imaginava. Ou seja, é neste contexto que as pessoas se defrontavam com as imagens feitas pelos outros, obrigando-as a dialogarem de algum modo com as visões locais e a



repensarem suas percepções de si mesmas. Destaco alguns pontos para entender esta experiência da diferença.

Em primeiro lugar, a condição de estudante estrangeiro em um país estranho não colocava apenas em foco o domínio da língua e dos códigos locais, aprendizado particularmente difícil nos primeiros tempos. Estava em xeque também a suspensão e até inversão das características sociais de origem. Muitos dos entrevistados já eram professores e pesquisadores no Rio de Janeiro, alguns até com cargos estáveis em instituições públicas. Assim, suas trajetórias intelectuais pareciam diminuídas e às vezes até desprezadas na relação com alguns professores do doutorado ou por certas exigências feitas aos estrangeiros de um modo geral, revelando um caso típico de discrepância de status social. Para alguns, as restrições resultantes do valor da bolsa de estudos davam um gosto de “pobreza”, como disse Dora, para pessoas das camadas médias brasileiras, acostumadas a um padrão mais confortável de consumo. Se em outras fases da vida como na adolescência a suspensão dos traços sociais de origem pode ser vivida como libertadora (REZENDE, 2006), esta experiência era perturbadora para as pessoas entrevistadas.

Uma segunda questão estava na problematização de suas autoimagens pelas imagens de gênero associadas aos brasileiros. Não era apenas incômodo para estas pessoas verem-se englobadas por estereótipos que igualavam a todos em termos de um pequeno conjunto de características. Novamente encontramos a inversão de aspectos que os definiam antes de viajar para o exterior. Assim, ser visto como machista era uma dificuldade para os entrevistados, socializados em camadas médias urbanas, em uma época na qual prevalecia a adoção de valores mais igualitários entre os gêneros (ver VELHO, 1986, SALEM, 2007). Para as mulheres, a imagem de uma sensualidade do corpo exacerbada contrastava e até mesmo se opunha à autoimagem que elaboravam enquanto estudantes de doutorado que estavam investindo em sua formação intelectual.

Se vários aspectos sociais eram alterados ou repensados pela condição de estudante estrangeiro brasileiro, suas características raciais pareciam não ser questionadas. Mais ainda, ninguém afirmou ter “aparência” de brasileiro e, portanto, não se sentiram discriminados por isso, como outros brasileiros mais “típicos” e estrangeiros. Pareciam com isso recusar uma identidade brasileira marcada por imagens locais muitas vezes negativas ou ambíguas, como as de gênero e raça. Recusavam também o lugar de discriminado – aquele cujas características distintas são vistas como negativas ou inferiores ao padrão dominante. Para brasileiros que no Brasil tinham status considerável por serem das camadas médias, intelectuais, vistos como “brancos”, era difícil suspender esta autoimagem e se reconhecerem como possíveis alvo de discriminação no exterior.

O que percebemos então é que a experiência de ser um estrangeiro brasileiro retirava deles, em vários momentos, características e signos que os distinguiam no Brasil como parte das camadas médias intelectualizadas. Para

estes brasileiros, o destaque local dado às suas diferenças enquanto estavam na condição de estrangeiros era visto como problema. Marcava, neste caso, uma distância social maior do que havia sido imaginada por pessoas que se viam, a princípio, como mais semelhantes que diferentes. Em suas estadias fora, colocava-se para eles uma série de visões do Brasil como país que não seria ocidental propriamente dito, “nem civilizado, nem barbárie”. A percepção anterior ao doutorado de que eram cosmopolitas, partilhando uma série de comportamentos, ideias e valores vistos mais amplamente como ocidentais, tornava-se, portanto, problemática.

Em função disto, surgia uma relação ambígua com a identidade brasileira elaborada no exterior. Em muitos momentos, o confronto com as imagens locais sobre os brasileiros gerava desconforto, incômodo e até mesmo uma recusa de uma identificação com estas representações. Em outras situações, havia maior valorização e identificação com uma brasilidade, principalmente com a imagem do brasileiro enquanto pessoa calorosa que faz amizade com facilidade (REZENDE, 2009). A qualidade de uma afetividade mais explícita, física até, era abraçada como traço cultural valorizado.

Contudo, *incorporar* esta identidade – perceber seus contornos corporais – tornava-se doloroso pois parecia torná-la inescapável, fixa no corpo, exigindo assim ter que lidar com os preconceitos daqueles de quem se desejava aceitação. Embora, como já afirmou Giddens (1991), na modernidade tardia o corpo seja constantemente manipulado para se adequar a projetos identitários coletivos e individuais, assumindo assim formas variadas e mutáveis, em alguns contextos, ao contrário, ele parece dar forma cristalizada e essencializada a certas características e identidades. Seja como elemento positivo e agregador de alguns movimentos identitários, seja como parte de visões biologizantes que naturalizam distinções sociais e culturais, ao corpo é atribuída uma essência que ancora e explica comportamentos.

Assim, reconhecer-se com “cara” de brasileiro para este grupo de pessoas incomodava por se verem fixos em uma identidade nacional que estava, para eles, em processo de reelaboração. Mais ainda, implicava em mostrar pertencimento a uma nação pela qual nutriam sentimentos ambíguos, alimentados em muito pelas visões negativas dos brasileiros encontradas no exterior. Significava, por fim, deixar em segundo plano a singularidade de cada um em favor de estereótipos que generalizam e homogeneizam para criar um tipo nacional nem sempre bem visto.

## Notas

1 - Este artigo é uma versão de um dos capítulos do meu livro, *Retratos do estrangeiro: identidade nacional, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro, ed. FGV, 2009.

2 - Nogueira (1985) dá outros exemplos de brasileiros que nos EUA são tratados como negros, mas que não se reconhecem desta maneira, revelando diferentes percepções de raça.

## Referências

- BHABHA, Homi. *Nation and Narration*. Londres: Routledge, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. Brasil: Nações Imaginadas. In: CARVALHO, J. Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 233-268.
- CHATTERJEE, Partha. *The Nation and its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- CORREA, Mariza. Sobre a Invenção da Mulata. *Cadernos Pagu*, (6-7), 1996, p. 35-50.
- DOMINGUEZ, Virginia R. *White by definition: social classification in Creole Louisiana*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1986.
- GANDHI, Leela. *Postcolonial Theory: a Critical Introduction*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1998.
- GIDDENS, Anthony. *Modernity and Self-Identity*. Oxford: Polity Press, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. São Paulo: DP&A, 1998.
- KONDO, Dorinne. *About Face: Performing Race in Fashion and Theater*. Londres: Routledge, 1997.
- MARGOLIS, Maxine L. *An Invisible Minority: Brazilians in New York City*. Boston: Allyn and Bacon, 1998.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Vol.II. São Paulo: EPU, 1974.
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem. In: NOGUEIRA, Oracy. *Tanto Preto quanto Branco*. São Paulo: T. Queirós, 1985, p. 67-93.
- PISCITELLI, Adriana. "Sexo Tropical": Comentários sobre Gênero e "Raça" em Alguns Textos da Mídia Brasileira. *Cadernos Pagu*, (6-7), 1996, p. 9-34.
- REZENDE, Claudia Barcellos. Como tabula rasa: intercâmbio no exterior e construção de identidade juvenil. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas juvenis*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Mauad Editora, 2006, p. 103-113.
- REZENDE, Claudia Barcellos. *Retratos do estrangeiro: identidade brasileira, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. O Que Faz o Brasil, Brazil: Jogos Identitários em São Francisco. In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, p. 45-85.
- SALEM, Tânia. *O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- SALES, Teresa. Identidade Étnica entre Imigrantes Brasileiros na Região de Boston, EUA. In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, p. 17-44.
- SCHUTZ, Alfred. The Stranger: an essay in social psychology. In: SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1971.

- SIMMEL, Georg. The stranger. In: SIMMEL, Georg. *On Individuality and social forms*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.
- STEPAN, Nancy Leys. *The Hour of Eugenics: Race, Gender and Nation in Latin America*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: uma Experiência de Geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- VERDERY, Katherine. Para Onde Vão a “Nação” e o “Nacionalismo”? In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.) *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 239-247.

## RESUMO

Neste artigo, examino como a articulação entre identidade nacional, gênero e raça aparece no discurso de um grupo de brasileiros que fez seu doutorado no exterior. A partir da condição de ser estrangeiro em outro país, analiso como a identidade brasileira é percebida de forma marcada pelo gênero e pela raça, marcas estas vivenciadas de modo ambíguo. Em particular, procuro compreender o que significa afirmar, como a maioria fez, que eles não têm “aparência” de brasileiro. Em termos teóricos, está em questão a dimensão contrastiva na elaboração das identidades nacionais e o modo como o gênero e a raça são constitutivos de um tipo nacional.

**Palavras-chave:** estrangeiro; identidade; gênero.

## ABSTRACT

In this article, I examine how intersection between national identity, gender and race appears in the discourse of a group of Brazilians who studied for their doctor's degree abroad. I analyse how their condition as foreigners highlighted a Brazilian identity marked by gender and race, marks which were experienced ambiguously. Specifically, I discuss the meaning of denying, as most people did, that they looked Brazilian. Theoretically, I deal, therefore, with the contrastive features in the elaboration of national identities and with they way in which gender and race become constitutive of a national figure.

**Keywords:** foreigner; identity; gender.